A TOALHA MOLHADA

Ressentimentos não nomeados em quinze anos

AMANDA ZECCHIN

A Toalha Molhada

Ressentimentos não nomeados em quinze anos

Amanda Zecchin

No sábado em que começou a pensar seriamente em divórcio, Mariana não encontrou uma mensagem comprometedora no celular do marido, uma passagem de hotel esquecida no bolso de uma calça ou qualquer um dos indícios que costumavam aparecer nas histórias contadas em voz baixa na sala dos professores.

Encontrou uma toalha molhada.

Ela estava caída sobre o vidro do box, dobrada sobre si mesma, com uma das pontas tocando o piso. Mariana não precisou encostar para saber que ainda estaria fria. Conhecia aquela toalha. Conhecia o peso que o algodão adquiria depois do banho de Roberto, a pequena poça que se formava junto ao rejunte e o cheiro abafado que surgia quando o tecido permanecia úmido por tempo demais.

Durante alguns segundos, ficou parada diante dela.

Do corredor vinha o ruído baixo da televisão. Sofia, aos cinco anos, assistia a um desenho, e Lúcia, aos oito, provavelmente ainda estava na cama com algum livro aberto sobre o rosto. Na cozinha, a cafeteira soltou o aviso de que o café estava pronto. Do lado de fora, numa rua tranquila de Campinas, um vendedor de pamonha anunciava sua passagem por um alto-falante gasto. A casa acordava aos poucos, com os mesmos sons de quase todos os sábados.

Mariana pegou a toalha.

O tecido úmido esfriou seus dedos. Levou-o até a lavanderia, estendeu-o no varal e alinhou as pontas, como fazia quase todas as manhãs havia quinze anos.

Não era a terceira vez naquela semana.

Era apenas a terceira vez que ela havia contado.

Quando voltou à cozinha, Roberto estava sentado à mesa com o jornal aberto diante do rosto. Ainda gostava da edição impressa aos sábados, embora lesse as notícias no celular durante a semana. Dizia que o papel o ajudava a descansar os olhos. Mariana às vezes pensava que também o ajudava a não olhar para mais nada.

O café ocupava a xícara azul que ela lhe dera no primeiro Dia dos Pais. Ao lado, havia migalhas de pão e a frigideira usada para fazer ovos, deixada dentro da pia.

— Dormiu bem? — ele perguntou.

Mariana abriu a torneira.

— Dormi.

Não tinha dormido.

Roberto virou a página.

Talvez soubesse que ela estava mentindo. Talvez não soubesse. Depois de quinze anos, Mariana já não conseguia distinguir distração de desistência.

Lavou a frigideira e sentiu uma pergunta subir pela garganta.

Você algum dia percebe o que deixa para mim?

Fechou a torneira.

— Roberto...

O jornal baixou alguns centímetros. Ela viu primeiro os olhos, depois a marca funda entre as sobrancelhas.

— Oi?

Era uma oportunidade. Mariana reconheceu isso no mesmo instante: aquele espaço pequeno, aberto entre os dois, no qual ainda caberia uma conversa.

— Nada. Você quer mais café?

— Quero, por favor.

O jornal tornou a subir.

E foi assim, sem discussão, que eles perderam mais uma chance.

Mariana colocou café na xícara dele e acrescentou um pouco de leite, embora Roberto não houvesse pedido. Sabia a quantidade exata de que ele gostava. Sabia também que ele preferia a gema mole, que sentia dor no joelho direito quando fazia frio e que, em semanas difíceis, mordia a parte interna da bochecha até feri-la. Sabia a senha do plano de saúde, o número de sua camisa, a data da próxima revisão do carro e o nome do cliente que o fazia acordar no meio da noite.

Naquele sábado, percebeu que não sabia o que o marido temia.

Nem se lembrava da última vez em que perguntara.

Sofia apareceu na cozinha arrastando uma manta cor-de-rosa pelo chão.

— Mãe, onde está minha meia da bailarina?

— Na segunda gaveta, atrás das meias brancas.

— Eu procurei.

— Procurou ou olhou?

A menina sorriu, porque conhecia a pergunta. Mariana enxugou as mãos e caminhou com ela até o quarto.

Roberto continuou lendo.

No corredor, Mariana se perguntou por que não dissera ao menos: "Pergunte ao seu pai". Talvez porque soubesse que, poucos segundos depois, ouviria a voz dele chamando:

— Mari, você sabe onde está a meia da Sofia?

Ela encontrou o par exatamente onde havia dito. Enquanto ajudava a filha a vesti-lo, percebeu que a barra do collant começava a descosturar.

— Fica quietinha um minuto. Vou pegar linha e agulha.

— Não pode ir assim?

— Pode. Mas vai abrir mais.

Sofia sentou-se na beirada da cama e balançou as pernas. Mariana voltou à lavanderia, abriu a terceira gaveta do armário e retirou a caixa de costura. Ali estavam as linhas, os botões que poderiam ser úteis algum dia, pilhas novas, velas de aniversário, um pacote de curativos infantis e dois cartões-postais amarelados.

O de cima mostrava uma rua estreita de Paraty, com portas azuis e pedras brilhantes de chuva.

Mariana tinha vinte e oito anos quando colocou aquele cartão na geladeira do primeiro apartamento. Ela e Roberto estavam casados havia menos de um ano. O imóvel era pequeno, o sofá fora comprado em doze parcelas e a geladeira fazia um estalo forte antes de desligar. Na época, qualquer plano parecia possível porque quase nada ainda havia começado.

— Podíamos ir no próximo feriado — ela dissera, prendendo o cartão com um ímã de propaganda.

Roberto olhara a fotografia enquanto ajustava a gravata.

— Podíamos.

— Eu vi uma pousada simples. Se reservar agora, fica mais barato.

— Manda para mim.

Ela mandara.

Na semana seguinte, perguntara se ele havia visto. Roberto respondera que aquele mês estava apertado. No outro, surgira um projeto novo. Depois, a mãe dele fizera uma cirurgia, o carro precisara de conserto e os dois começaram a juntar dinheiro para a entrada da casa.

Mariana nunca voltou a falar sobre Paraty. Não porque Roberto tivesse recusado. Ele não recusara. Apenas não transformara o desejo dela em plano.

Durante anos, ela guardou a lembrança como a primeira prova de uma acusação que ainda não sabia formular.

Agora, olhando o cartão dentro da caixa de costura, teve vergonha da própria memória. Roberto trabalhara muito para que comprassem a casa. Ela também quisera a casa. Talvez nenhum casamento pudesse ser condenado por uma viagem que não aconteceu.

Guardou o cartão, costurou o collant de Sofia e levou as meninas ao balé.

Roberto se ofereceu para buscá-las depois.

— Assim você consegue corrigir suas provas — disse, dobrando o jornal.

Mariana quase respondeu que não precisava corrigir provas naquela manhã. Precisava ir ao supermercado, trocar uma blusa de Lúcia, comprar o presente de aniversário de uma colega de Sofia e passar na farmácia.

— Obrigada — disse apenas.

Roberto sorriu. Na contabilidade íntima dele, aquele sorriso provavelmente significava que havia ajudado. Na dela, significava que ele ainda não percebia tudo o que faltava.

Nenhum dos dois perguntou qual das versões era verdadeira.

• • •

O supermercado estava cheio. Mariana empurrou o carrinho por corredores estreitos enquanto conferia uma lista no celular. Leite sem lactose para Roberto. Iogurte sem pedaços para Sofia. O sabonete específico de Lúcia, porque qualquer outro fazia sua pele coçar. Café, arroz, detergente, frutas, papel-toalha.

Diante da seção de produtos de limpeza, o celular vibrou.

Era uma mensagem de Paulo Ferraz.

"Gostei muito de encontrar você aquele dia. Terminei o livro que comentei. Acho que você teria várias coisas a dizer sobre ele."

Mariana leu duas vezes. Depois apagou a notificação da tela, embora não houvesse ninguém por perto.

Conhecera Paulo na faculdade. Tinham participado do mesmo grupo de estudos, embora nunca tivessem sido propriamente amigos. Ele abandonara a licenciatura no último ano, trabalhara como revisor e, mais tarde, publicara dois romances por uma editora pequena. Mariana o reencontrara três meses antes, por acaso, em um café no centro.

— Mariana? — ele perguntara, aproximando-se da mesa.

Ela levara alguns segundos para reconhecer o rapaz magro dos corredores da universidade no homem de

barba grisalha que segurava um livro e um guarda-chuva.

— Paulo?

Ele pediu licença para se sentar. Conversaram por quarenta minutos sobre os professores de que se lembravam, sobre as cidades que tinham imaginado conhecer e sobre livros que nenhum dos dois terminara. Paulo contou que, quando começava a escrever, acreditava que personagens coerentes seriam mais convincentes. Com o tempo, descobrira o contrário.

— Gente de verdade se contradiz — disse. — Às vezes, a pessoa passa a vida inteira defendendo uma coisa e faz outra quando ninguém está olhando.

Mariana riu. Não por educação, mas porque a frase a surpreendeu. Depois contou sobre uma aluna que havia comparado a Inconfidência Mineira a um grupo de WhatsApp em que todos reclamavam, mas ninguém queria ser o primeiro a se comprometer.

Paulo riu também e fez perguntas. Não olhou para o celular. Não tentou encerrar o assunto. Quando Mariana terminou uma história, ele perguntou o que aconteceu depois.

Foi isso que permaneceu com ela: alguém quisera saber o que aconteceu depois.

Ao chegar em casa naquela tarde, Roberto perguntou onde estivera.

— Na livraria — respondeu.

Não era exatamente mentira. O café ficava dentro de uma livraria. Ainda assim, Mariana sentiu que escondera alguma coisa.

Naquela noite, colocou sobre o criado-mudo o livro que comprara depois que Paulo foi embora. Roberto olhou para a capa e perguntou se era bom.

— Ainda não sei.

— Quando terminar, você me conta.

Ele adormeceu antes dela.

Mariana terminou o livro dois dias depois. Roberto nunca perguntou.

Agora, no corredor do supermercado, escreveu para Paulo: "Pode mandar o nome". Apagou a frase. Escreveu novamente. Por fim, guardou o celular sem responder.

Não queria outro homem. Queria entender por que quarenta minutos de curiosidade tinham sido suficientes para revelar a extensão de sua solidão.

• • •

À tarde, a casa se encheu dos ruídos habituais. As meninas discutiram por causa de uma caneta. Roberto tentou consertar uma porta de armário que estava empenada. Mariana guardou as compras, separou roupas para lavar e preparou o almoço do dia seguinte.

Depois do jantar, Roberto saiu para correr. Voltou suado, tomou outro banho e se sentou no sofá com o notebook apoiado nas pernas.

Mariana entrou no banheiro para escovar os dentes.

A toalha estava outra vez sobre o vidro do box.

Desta vez, ela não a pegou.

Olhou para o tecido azul, para a ponta escura de umidade, para a marca que a água começava a desenhar no vidro. Apagou a luz e saiu.

No quarto, vestiu o pijama e se deitou. Roberto continuou respondendo a e-mails na sala. Quando entrou, quase uma hora depois, abriu o armário, pegou uma camiseta e perguntou:

— Mari, você esqueceu de estender minha toalha?

Ela não respondeu imediatamente.

— Mariana?

— Não esqueci.

— Está molhada no box.

— Eu sei.

Roberto ficou parado diante do armário aberto.

— Então por que não estendeu?

Mariana pousou o livro sobre o colo.

— Porque ela é sua.

Ele soltou uma risada curta, sem humor.

— Tudo bem. Eu só perguntei.

— Não, Roberto. Você não só perguntou.

— O que foi que eu fiz agora?

Agora.

A palavra encontrou dentro dela todas as outras vezes em que ele perguntara o que havia feito, como se cada episódio começasse no instante em que Mariana reagia e não no instante, muitas vezes remoto, em que ela começara a suportar.

— Você perguntou por que eu não cuidei de uma coisa que é sua.

— É uma toalha, Mariana.

— Eu sei que é uma toalha.

— Então por que estamos discutindo?

Ela retirou os óculos e os colocou sobre o criado-mudo. Sentiu os olhos arderem.

— Porque eu estou cansada de estender tudo o que você deixa molhado.

Roberto franziu a testa.

— Tudo o quê?

— Tudo.

— Isso não quer dizer nada.

— Quer dizer esta casa. Quer dizer as meninas. Quer dizer os seus compromissos, os meus compromissos, os presentes da sua família, o remédio que está acabando, o uniforme que precisa estar limpo, a consulta que tem de ser marcada. Quer dizer que eu sei onde estão os seus exames e você não sabe onde ficam os curativos das suas filhas.

— Eu levo as meninas à escola. Busco no balé. Pago as contas. Não estou entendendo o que você quer dizer.

— É exatamente esse o problema.

— Qual problema? Você fala como se eu não fizesse nada.

— Eu não disse isso.

— Disse, sim.

— Eu disse que você não vê.

— Não vejo o quê?

Mariana abriu a boca e percebeu, com uma espécie de terror, que não sabia responder em uma frase. O que ela queria que ele visse? As tarefas? O cansaço? A mulher que fora aos vinte e sete anos? A professora que ainda gostava de falar sobre livros? A vontade de não precisar pedir?

— Eu — disse.

Roberto recuou como se ela o tivesse empurrado.

— Isso é injusto.

— Pode ser.

— Eu construí a minha vida em torno de vocês.

— Não. Você construiu uma vida para nós e esperou que eu morasse dentro dela sem reclamar.

— Você queria esta casa.

— Eu queria.

— Queria que as meninas estudassem numa escola boa.

— Queria.

— Queria segurança. Queria que eu aceitasse a promoção.

— Eu disse que entendia por que você precisava aceitar.

— Qual é a diferença?

— Toda.

Roberto passou as mãos pelos cabelos ainda úmidos.

— Eu não sabia que você se sentia assim.

A frase doeu mais do que Mariana esperava. Não porque fosse cruel, mas porque parecia sincera.

— Como você não sabia?

— Porque você nunca falou.

— Eu falei.

— Quando?

Ela se levantou.

— Quando Lúcia nasceu e eu disse que não estava dando conta. Quando pedi que você recusasse pelo menos uma viagem por mês. Quando falei que sentia falta de nós dois. Quando disse que precisava de terapia.

— Você falou que estava cansada. Eu comecei a buscar a Lúcia na sua mãe duas vezes por semana.

— Durante três semanas.

— Depois você disse que não precisava mais.

— Porque eu não queria precisar pedir toda vez.

— Como eu ia saber disso?

— Você podia ter perguntado.

— E você podia ter dito!

O silêncio que veio depois pareceu ocupar o quarto inteiro.

Da parede do corredor surgiu um ruído leve. Um pé descalço contra o piso.

Mariana abriu a porta e encontrou Lúcia parada sob a luz amarela, abraçada ao próprio travesseiro. A menina tinha os olhos arregalados.

— Mãe?

Mariana se abaixou.

— Oi, meu amor. Desculpa. A gente falou alto.

— Vocês estão brigando?

Roberto apareceu atrás dela.

— Foi só uma conversa, filha.

Lúcia olhou de um para o outro.

— Vocês vão se separar por causa da toalha?

Nenhum dos dois respondeu.

Foi Mariana quem acompanhou a filha de volta ao quarto. Deitou-se ao lado dela, afagou seus cabelos e disse que os adultos às vezes se desentendiam, mas que nada daquilo era responsabilidade dela. Repetiu que Lúcia estava segura, que era amada e que poderia fazer qualquer pergunta.

— Mas vocês vão? — a menina insistiu.

— Eu não sei.

Era a resposta mais honesta que Mariana tinha.

Quando voltou ao corredor, Roberto havia desaparecido no escritório. A toalha continuava no banheiro.

Ela fechou a porta do quarto e chorou sem fazer barulho.

• • •

Roberto não dormiu naquela noite.

Às duas e vinte e três, levantou-se do sofá do escritório e foi até a cozinha. A casa tinha o cheiro do café requentado que permanecera na garrafa e do detergente de maçã usado depois do jantar. Abriu a geladeira, bebeu água diretamente da garrafa e viu, presa por um ímã, a programação semanal das meninas.

Segunda: educação física de Lúcia. Terça: balé de Sofia. Quarta: levar cartolina. Quinta: dentista. Sexta: aniversário da Clara.

Reconheceu a letra de Mariana em todas as anotações.

A toalha continuava onde ele a deixara.

Roberto a pegou. A primeira reação foi de irritação. Não por causa do tecido, mas pela desproporção. Quinze anos reduzidos a uma toalha. A casa que financiara, as noites que trabalhara, as férias das quais abrira mão, as vezes em que buscara as meninas, os cafés que preparara quando Mariana corrigia provas — nada disso parecia ter sobrevivido àquela conversa.

Estendeu a toalha no varal.

Não se sentiu transformado. Não compreendeu subitamente o casamento. Apenas percebeu que não sabia onde ficavam os prendedores.

Abriu a primeira gaveta. Depois a segunda.

Na terceira, encontrou linhas, agulhas, pilhas, velas de aniversário e um pacote de curativos infantis.

Ficou olhando para tudo aquilo.

Havia uma organização inteira naquela casa da qual usufruía sem conhecer.

Na manhã seguinte, Mariana já estava de pé quando ele entrou na cozinha. Os olhos dela estavam inchados. Lúcia mexia o leite com a colher, em silêncio. Sofia parecia não ter percebido nada e cantava uma música inventada para o pão com manteiga.

Roberto se sentou à mesa.

— Bom dia.

Sofia respondeu. Lúcia não.

Mariana colocou uma cesta de pães sobre a mesa e permaneceu de pé.

— Mari, senta. Eu pego o café.

Ela o encarou por um instante, como se tentasse descobrir se aquilo era ironia. Depois se sentou.

Roberto encheu as xícaras. Colocou leite demais na de Mariana. Ela bebeu sem corrigir.

— A gente não vai conversar sobre isso na frente delas — disse.

— Concordo.

— E não vai fingir que não aconteceu.

— Não vou.

Lúcia olhou para os dois.

— Eu não quero mudar de escola.

Mariana segurou a mão da filha.

— Ninguém falou em mudar de escola.

— A Amanda mudou quando os pais se separaram.

Roberto sentiu uma pressão no peito. Até a noite anterior, separação era uma palavra distante, pertencente a amigos, clientes e estatísticas. Agora tinha consequências concretas: a escola de Lúcia, o quarto de Sofia, as manhãs de domingo.

— Seja o que for que acontecer — disse —, você e sua irmã vão continuar tendo pai e mãe. Nós dois. Está bem?

Lúcia assentiu sem convicção.

Depois do café, Roberto levou as meninas ao parque. Mariana disse que precisava ficar sozinha. Ele não perguntou se deveria cancelar o futebol da tarde; cancelou.

Enquanto Sofia brincava no escorregador, Lúcia se sentou ao lado dele no banco.

— Foi você que deixou a toalha molhada?

— Fui.

— Então pede desculpa.

Roberto quase sorriu.

— Não é tão simples.

— A mãe fala que tem que pedir desculpa quando a gente faz uma coisa errada.

— Sua mãe tem razão.

— Então pronto.

Lúcia correu para alcançar a irmã. Roberto ficou observando as duas. Queria acreditar que bastaria

pedir desculpas, pendurar as toalhas e comprar flores. Uma parte dele ainda procurava a tarefa certa, a solução mensurável, o procedimento que eliminaria a falha.

Mas Mariana não lhe dera uma lista. Dissera que não sabia se ainda estava ali.

Na segunda-feira, encontrou Carlos no estacionamento da empresa. O amigo percebeu seu rosto cansado e perguntou se estava tudo bem.

Roberto respondeu que sim.

Os dois caminharam alguns metros em silêncio.

— Não está — corrigiu Roberto.

Contou a história de forma rápida: a toalha, a discussão, Lúcia no corredor. Não mencionou Paulo porque ainda não sabia que Paulo existia. Carlos ouviu sem interromper. Havia se divorciado quatro anos antes, depois de um processo que começara com mensagens agressivas e terminara com os dois falando apenas por intermédio de advogados.

— Ela nunca reclamou da toalha — Roberto concluiu.

Carlos apertou o botão do elevador.

— Eu não perguntei da toalha.

— Ela falou de quinze anos. Como se eu tivesse passado quinze anos sem fazer nada.

— Foi isso que ela disse?

— Não com essas palavras.

— Então não completa a frase dela com a pior versão possível.

As portas do elevador se abriram. Carlos entrou, mas Roberto permaneceu do lado de fora.

— O que eu faço?

O amigo segurou a porta.

— Primeiro, descobre o que aconteceu. Depois você decide o que fazer. Só não transforma isso numa disputa para provar que você é o marido certo e ela, a esposa errada. Eu fiz isso. Ganhei várias discussões e perdi tudo o que importava.

Naquela tarde, Roberto tentou trabalhar. Abriu plantas, respondeu a mensagens, participou de uma reunião sobre atrasos de obra. Às quatro, recebeu um e-mail da companhia aérea confirmando uma viagem para Recife na semana seguinte.

Pensou em Mariana dizendo que pedira, anos antes, que ele recusasse ao menos uma viagem por mês.

Ele se lembrava da conversa. Lembrava-se de ter explicado que a promoção exigia presença nos canteiros. Lembrava-se de ela ter respondido "eu sei".

Durante muito tempo, considerara aquelas duas palavras uma concordância.

Pela primeira vez, ocorreu-lhe que poderiam ter sido uma despedida pequena demais para que ele percebesse.

• • •

Mariana marcou a consulta com uma advogada na terça-feira.

Não contou a Roberto. Também não contou à mãe, às colegas ou a Paulo, cuja mensagem continuava sem resposta. Imprimiu extratos, separou a certidão de casamento, o contrato de financiamento da casa e as declarações de imposto de renda. Em outra folha, escreveu acontecimentos que não cabiam em documento algum: Paraty, o nascimento de Lúcia, as viagens, as noites sem sexo, a terapia que nunca começara, a toalha.

O escritório de Helena Vasconcelos ficava no segundo andar de um prédio antigo no centro. Havia cheiro de café recém-passado e uma janela aberta para uma rua de ônibus barulhentos. Mariana segurou a pasta sobre o colo durante quase toda a consulta.

— Eu ainda não sei se quero me divorciar — começou.

— Você não precisa decidir antes de entender as consequências — respondeu Helena.

A advogada tinha uma voz tranquila que não parecia pressa nem pena. Perguntou quando haviam se casado, qual era o regime de bens, quando compraram a casa, como se organizavam financeiramente e qual era a rotina das crianças.

Mariana respondeu tudo. Ao final, empurrou a folha manuscrita pela mesa.

— Isto também importa?

Helena leu as primeiras linhas.

— Importa para você. Importa para compreender como o casamento chegou até aqui. Mas talvez não importe da maneira que você imagina para o processo.

— Quinze anos não contam?

— Contam na sua vida. O divórcio, porém, não depende de provar quem causou o fim do casamento. Se você decidir se divorciar, não precisará convencer um juiz de que tem motivos suficientes.

Mariana olhou para a pasta.

— Então tudo isso desaparece?

— Não. Só não se transforma automaticamente em uma parte maior da casa, em uma indenização ou em alimentos para você. O Direito consegue dissolver o vínculo, dividir o patrimônio conforme o regime de bens e organizar as responsabilidades em relação às meninas. Ele não consegue calcular qual dos dois se sentiu mais sozinho.

— Eu li sobre abandono afetivo.

Helena apoiou as mãos sobre a mesa.

— Como descrição emocional, você pode ter se sentido abandonada dentro do casamento. Juridicamente, "abandono afetivo" não é o nome dado à falta de atenção entre marido e mulher. A expressão aparece principalmente quando se discute o

descumprimento grave dos deveres de cuidado dos pais em relação aos filhos. E mesmo a responsabilidade civil no âmbito familiar exige muito mais do que frustração ou desamor.

Mariana sentiu-se tola por ter levado a lista.

— Eu não quero dinheiro porque ele não me ouviu.

— Eu sei. Talvez você queira que alguém reconheça que isso aconteceu.

Os olhos de Mariana se encheram.

— Quero.

— Um processo pode registrar fatos. Mas dificilmente dará a você a frase exata que espera ouvir. Se Roberto não reconhecer sua experiência, uma sentença não fará esse trabalho por ele.

Helena explicou que, se optassem pelo divórcio, a guarda compartilhada significaria responsabilidade conjunta pelas decisões das filhas, e não uma divisão automática e matemática de dias. Precisariam definir uma residência de referência, uma rotina de convivência que protegesse a vida escolar das meninas e uma forma proporcional de custear suas necessidades. A casa, adquirida durante o casamento, integraria a partilha, descontado o saldo do financiamento. Como Mariana e Roberto tinham renda própria, alimentos entre eles não pareciam necessários; a situação das filhas era outra.

— Podemos construir um acordo — disse Helena. — Ou podemos discutir cada ponto por anos. O

divórcio põe fim ao casamento. A forma como vocês atravessam o divórcio vai determinar o que sobra da família.

Quando saiu do escritório, Mariana permaneceu alguns minutos na calçada. Pessoas passavam apressadas, desviando dela. Um ônibus freou perto do semáforo e espalhou ar quente sobre seu rosto.

Ela havia imaginado que se sentiria livre ao descobrir que não precisava provar nada. Em vez disso, sentia-se sem testemunhas.

Guardou a folha manuscrita na bolsa.

No caminho de casa, respondeu à mensagem de Paulo:

"Obrigada. Acho melhor não continuarmos essa conversa agora. Estou tentando entender algumas coisas da minha vida."

Ele respondeu alguns minutos depois:

"Entendo. Espero que você fique bem."

Não houve insistência. Nenhuma revelação amorosa. Nenhuma porta secreta para outra vida.

Mariana sentiu alívio e tristeza.

O problema nunca fora Paulo.

• • •

Naquela noite, ela contou a Roberto que estivera com uma advogada.

Ele empalideceu.

— Você já entrou com alguma coisa?

— Não.

— Então por que foi?

— Porque eu precisava saber o que acontece se eu decidir ir embora.

Roberto caminhou até a janela. Do lado de fora, a rua estava escura e uma televisão acesa piscava na casa em frente.

— Tem outra pessoa?

Mariana demorou mais do que deveria.

— Não.

Ele se virou.

— Você pensou antes de responder.

— Eu encontrei um colega da faculdade há alguns meses. Tomamos café. Só isso.

— E você escondeu de mim.

— Eu disse que tinha ido à livraria.

— Você mentiu.

— Menti.

Roberto sentiu a raiva oferecer uma saída. Se existisse outro homem, a história se tornaria mais simples. Haveria uma causa, uma quebra identificável, alguém a quem dirigir a humilhação. Poderia mostrar as mensagens, procurar datas, perguntar aos amigos se haviam percebido. Poderia deixar de examinar a toalha e examinar o celular dela.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não.

— Você queria que acontecesse?

Mariana levou a mão ao rosto.

— Eu queria continuar conversando. Isso me assustou mais do que se eu tivesse achado ele bonito.

— Quem é ele?

— Paulo Ferraz.

Roberto conhecia o nome. Vira o livro sobre o criado-mudo, ouvira Mariana mencionar que o autor estudara com ela. De repente, lembrou que perguntara se o livro era bom.

— Você leu o livro dele?

— Li.

— Por que não me contou?

Mariana o encarou.

— Você nunca perguntou.

Ele sentiu vontade de dizer que ela poderia ter contado mesmo assim. A frase chegou à língua e parou ali.

— Eu achei que, quando você dizia que estava tudo bem, estava mesmo — disse.

— E eu achei que, se precisasse explicar tudo, nada seria verdadeiro.

— Isso é impossível, Mariana. Eu não leio pensamento.

— Eu sei.

— Sabe agora?

— Talvez.

Pela primeira vez desde a discussão, os dois se olharam sem tentar vencer.

— Eu não quero que as meninas passem por uma guerra — ela disse.

— Nem eu.

— Isso não significa que vou ficar.

— Eu sei.

Desta vez, as duas palavras não significavam concordância. Significavam apenas que Roberto começava a compreender o tamanho daquilo que não podia controlar.

• • •

Na semana seguinte, Mariana viajou para um encontro de professores que aconteceria de sexta a domingo em Águas de Lindóia. Inscrevera-se meses antes e cogitava desistir. Roberto insistiu para que fosse.

— Eu fico com as meninas.

— Eu sei que fica.

— Então vai.

Ela deixou uma lista sobre a bancada da cozinha. Horários, telefones, remédios, o endereço da festa de aniversário de Sofia. Roberto se ofendeu ao vê-la.

— Eu sou pai delas, Mariana.

— Eu sei.

— Você não precisa me ensinar.

Ela recolheu a folha, dobrou-a e guardou na bolsa.

— Está bem.

Na sexta-feira, tudo correu bem. Roberto buscou as meninas na escola, pediu pizza e deixou que assistissem a um filme na sala. Sofia adormeceu encostada em seu braço. Lúcia quis saber se a mãe telefonaria. Ele disse que sim.

No sábado, preparou ovos, levou Sofia à festa, comprou o presente no caminho e esperou quarenta minutos na fila porque não sabia que Mariana já comprava os presentes com antecedência. Enquanto isso, Lúcia ficou na casa de uma amiga. À tarde, ele lavou roupa, respondeu a dois e-mails e fez macarrão.

Não foi um desastre. As meninas comeram, tomaram banho e riram. Roberto sentiu uma satisfação quase infantil ao ver a cozinha limpa antes das nove.

Então Lúcia apareceu segurando um papel amassado.

— Pai, a maquete.

— Que maquete?

— A da cidade sustentável. É para segunda.

— Sua mãe não falou nada.

— Está no grupo da escola.

Roberto abriu o celular. Participava do grupo, mas o mantinha silenciado. Havia cento e oitenta e três mensagens não lidas. Procurou pelo aviso e descobriu que fora enviado onze dias antes.

— Você já começou?

— A mãe guardou as caixas.

— Onde?

Lúcia deu de ombros.

Os dois procuraram na lavanderia, no armário da garagem e embaixo das camas. Encontraram as caixas numa prateleira alta da despensa, junto de rolos de papel, tinta e uma sacola identificada com o nome de Lúcia.

Mariana não apenas sabia que havia uma maquete. Havia separado o material antes que a tarefa se tornasse urgente.

Roberto e a filha passaram a manhã de domingo construindo ruas com papelão. A cola acabou. A tinta verde manchou a mesa. Sofia derrubou uma caixa de leite sobre a praça central e chorou tanto que Lúcia também começou a chorar.

À uma da tarde, os três estavam sentados no chão da cozinha, cercadas por pedaços de papel molhado.

Roberto pensou em ligar para Mariana. Não ligou.

Secou o papelão com um secador, refez a praça, pediu ajuda às meninas e terminou a maquete pouco antes de ela chegar.

Quando Mariana entrou, encontrou a casa desorganizada, duas filhas orgulhosas e Roberto com tinta verde na manga.

— Olha, mãe! — Lúcia levantou a maquete. — O pai fez a estação de reciclagem.

— Nós fizemos — ele corrigiu.

Mariana examinou as ruas tortas, as árvores de tampinha e a praça levemente ondulada.

— Ficou linda.

Esperou as meninas saírem para o quarto antes de perguntar:

— Foi difícil?

Roberto se encostou na bancada.

— Foi.

— Mas você conseguiu.

— Consegui.

Ela começou a recolher os copos.

— Eu não quero uma medalha, Mariana.

— Eu não disse isso.

— Eu sei. Só estou tentando não transformar estes dois dias numa prova de que agora entendi tudo.

Mariana parou.

— E entendeu alguma coisa?

— Entendi que eu esperava as urgências chegarem. Você passava a vida impedindo que elas chegassem.

Ela desviou os olhos.

— Eu não precisava fazer tudo isso.

— Talvez não. Mas fez. E eu deixei.

Roberto retirou do bolso a lista que Mariana tentara deixar. Havia encontrado uma cópia no lixo do escritório, amassada.

— Eu fiquei ofendido porque achei que você não confiava em mim. Depois percebi que você escreveu isto porque sabia que, se não escrevesse, continuaria

cuidando das coisas mesmo a cento e cinquenta quilômetros daqui.

Mariana sentiu algo ceder dentro do peito. Não era perdão. Era o alívio doloroso de finalmente ouvir uma frase que chegava perto.

— Eu não quero apenas que você faça tarefas — disse. — Quero não ser a única pessoa que pensa nelas.

— Eu vejo agora.

Ela quis acreditar. O problema era que uma parte sua passara tempo demais esperando aquelas palavras e não sabia mais o que fazer quando elas finalmente chegavam.

• • •

Roberto procurou uma terapeuta de casal. Mariana aceitou ir, mas estabeleceu uma condição:

— Não vou para aprender a ficar casada. Vou para descobrir se ainda quero ficar.

— Está bem.

As primeiras sessões foram constrangedoras. A sala de Débora tinha duas poltronas iguais, um sofá cinza e uma caixa de lenços colocada a uma distância que parecia calculada. Havia sempre café numa garrafa térmica, mas nenhum dos dois bebia.

Na terceira sessão, Débora pediu que cada um descrevesse uma conversa antiga.

Mariana escolheu a noite em que, depois do nascimento de Lúcia, disse que não estava dando conta.

— O que você falou exatamente? — perguntou a terapeuta.

— Eu disse: "Estou muito cansada".

— E o que você precisava dizer?

Mariana pensou.

— "Eu preciso que você assuma os banhos e a rotina de sono sem esperar que eu peça."

Débora se voltou para Roberto.

— O que você ouviu?

— Que ela precisava descansar. Por isso comecei a buscar a Lúcia na mãe dela.

— E por que parou?

— Depois de algumas semanas, Mariana disse que já estava melhor.

— Eu disse que minha mãe não podia mais ficar com ela naqueles dias — corrigiu Mariana.

— Eu ouvi como se você não precisasse mais.

— Você ouviu o que era mais fácil.

Roberto baixou os olhos.

— Provavelmente.

Em outra sessão, falaram sobre a promoção.

— Você disse que entendia — Roberto repetiu.

— Eu entendia. Isso não queria dizer que não me machucava.

— Por que não falou as duas coisas?

— Porque eu achava que, se fosse uma boa esposa, não faria você escolher.

— Eu teria escolhido algumas vezes.

— Eu não sabia.

— Porque nunca perguntou.

Mariana percebeu a frase retornando para ela. A mesma acusação, mudando apenas de boca.

Aos poucos, a terapia revelou não um grande segredo, mas centenas de traduções equivocadas. Mariana dizia "não tem problema" querendo dizer "perceba que há um problema". Roberto oferecia uma solução prática quando ela desejava companhia. Ele se calava para não brigar; ela interpretava o silêncio como desinteresse. Ela parava de pedir para não se humilhar; ele entendia que a necessidade havia desaparecido.

Nenhum dos dois era inocente. Nenhum deles era culpado sozinho.

Mas a responsabilidade compartilhada não apagava a diferença entre os pesos que haviam carregado.

Roberto começou a limitar as viagens. Assumiu as manhãs de terça e quinta, passou a acompanhar o grupo da escola e criou um calendário compartilhado. Não perguntava mais onde estavam as meias antes de procurar. Duas vezes por semana, preparava o jantar.

Mariana começou a falar de maneira menos indireta. Em vez de deixar pratos na pia para ver se ele perceberia, dizia:

— Hoje eu preciso que você cuide da cozinha inteira.

Quando queria ficar sozinha, não respondia "tanto faz" à pergunta sobre o fim de semana. Dizia que precisava de duas horas sem crianças, mercado ou conversa.

Durante algum tempo, a casa pareceu mais leve.

Foram juntos a uma apresentação de Lúcia. Levaram as meninas ao zoológico. Roberto reservou uma pousada em Paraty para o aniversário de casamento, mas, antes de pagar, perguntou se Mariana ainda queria ir.

— Não sei — ela respondeu.

Ele não insistiu.

O casamento melhorou. Essa foi a parte mais difícil.

Se Roberto tivesse voltado imediatamente aos hábitos antigos, Mariana poderia ir embora movida pela certeza. Se ele tivesse se recusado a ouvir, ela teria um antagonista. Mas Roberto mudou de maneira real, ainda que imperfeita. Aprendeu. Pediu desculpas sem transformar cada desculpa em defesa. Começou a vê-la.

E Mariana descobriu que ser finalmente vista não fazia o amor retornar.

Sentia carinho. Gratidão. Às vezes, ternura. Quando ele adormecia no sofá, cobria suas pernas com uma manta. Quando ele chegava atrasado, preocupava-se. Gostava de ouvi-lo rir com as meninas.

Mas, ao imaginar os próximos quinze anos, não sentia esperança. Sentia obrigação.

Demorou semanas para dizer isso na terapia.

Roberto ficou imóvel.

— Então não adiantou nada?

— Adiantou.

— Para quê?

— Para a gente parar de se machucar.

— Eu fiz tudo o que você pediu.

— Eu sei.

— E agora você vai embora?

Débora não interrompeu.

Mariana juntou as mãos sobre o colo.

— Eu achei que queria que você mudasse. Agora percebo que queria ter sido ouvida antes de precisar deixar de amar para conseguir sobreviver aqui.

— Isso não é justo.

— Não é.

— Eu não posso voltar quinze anos.

— Eu também não.

Roberto chorou pela primeira vez diante dela. Não cobriu o rosto nem pediu desculpas. As lágrimas desceram enquanto ele olhava para a janela fechada da sala.

— Por que você não falou desse jeito antes?

Mariana chorou também.

— Porque eu não sabia. Porque eu esperava que você adivinhasse. Porque cada vez que você não

adivinhava eu usava aquilo como prova de que não me amava. E porque, depois de algum tempo, ficar calada também virou uma forma de não correr o risco de ouvir um não.

Roberto respirou fundo.

— Eu devia ter perguntado.

— Devia.

— Você devia ter falado.

— Devia.

Não houve alívio. A verdade não reparou o passado. Apenas impediu que continuassem falsificando-o.

• • •

Seis meses depois da manhã da toalha, Mariana e Roberto voltaram ao escritório de Helena. Roberto estava acompanhado de André, advogado indicado por Carlos. Haviam decidido construir o acordo com assessoria separada, embora se sentassem à mesma mesa.

O café estava forte demais. Mariana bebeu mesmo assim.

Sobre a mesa havia uma minuta com palavras que tentavam dar forma jurídica ao que antes fora apenas vida: divórcio, partilha, guarda, convivência, alimentos, despesas extraordinárias.

A casa era o ponto mais difícil. Ainda faltavam oito anos de financiamento. Roberto queria permanecer ali para que as meninas conservassem ao menos um endereço conhecido. Mariana precisava de sua parte para alugar e mobiliar outro lugar sem começar do zero.

Na primeira conversa, ele dissera:

— Você quer tirar delas a casa onde cresceram.

Mariana sentira a antiga vontade de responder com uma lista de tudo o que ele tirara dela. Em vez disso, pediu uma pausa.

Dois dias depois, voltaram ao assunto. Concordaram que Mariana permaneceria no imóvel com as meninas até o fim do ano letivo. Roberto alugaria um apartamento a poucos quarteirões. Depois, colocariam a casa à venda, quitariam o financiamento e dividiriam o valor líquido conforme a meação.

Não era a solução ideal para nenhum dos dois. Talvez por isso fosse um acordo.

A guarda seria compartilhada. As meninas teriam como residência de referência a casa materna enquanto se adaptavam, sem que isso diminuísse a participação de Roberto nas decisões. Ele ficaria com elas duas noites durante a semana e em fins de semana alternados, além de parte das férias e datas comemorativas. A rotina poderia ser revista conforme as necessidades das crianças, não conforme uma disputa abstrata por igualdade.

Como Roberto ganhava mais, contribuiria mensalmente para as despesas das filhas e manteria o plano de saúde. Escola, atividades e gastos extraordinários seriam divididos na proporção definida no acordo. Ambos renunciaram a alimentos entre si.

Acrescentaram que decisões relevantes sobre saúde e educação seriam comunicadas diretamente entre os pais. Nenhuma mensagem seria transmitida por Lúcia ou Sofia.

— Tem mais alguma coisa? — perguntou Helena.

Mariana olhou para Roberto.

Havia muito mais. Havia Paraty, as noites sem toque, a maquete, Paulo, o café da terapia, a toalha. Nada daquilo pertencia à minuta.

— Não — respondeu.

Roberto segurou a caneta, mas não assinou imediatamente.

— Se a gente tivesse conversado antes... — começou.

Mariana esperou.

Ele balançou a cabeça.

— Não importa.

— Importa — ela disse. — Só não muda o que precisamos fazer agora.

Roberto assinou. Mariana assinou depois.

O acordo seria encaminhado ao Ministério Público por envolver interesses de duas crianças e, depois,

submetido à homologação judicial. O casamento, que levara quinze anos para chegar àquela mesa, caberia em algumas páginas e terminaria oficialmente com uma sentença curta.

Ao saírem do prédio, Roberto perguntou se ela queria tomar um café.

Mariana quase recusou por hábito. Depois aceitou.

Sentaram-se numa padaria próxima. Não falaram sobre o casamento. Falaram sobre a alergia de Sofia, a prova de matemática de Lúcia e o apartamento que Roberto visitaria naquela tarde.

Antes de irem embora, ele perguntou:

— Você chegou a terminar aquele livro?

Mariana soube imediatamente a qual livro ele se referia.

— Terminei.

— Era bom?

Ela sorriu, triste.

— Era. O final era um pouco fácil demais.

— Você sempre reclamou de finais fáceis.

— Você lembra?

— Lembro de algumas coisas.

Foi a conversa mais gentil que tiveram em anos. Não porque houvesse possibilidade de reconciliação, mas porque nenhum dos dois tentava usá-la para conseguir alguma coisa.

• • •

No primeiro fim de semana das meninas no apartamento de Roberto, Sofia telefonou para Mariana perguntando onde estava seu pijama de estrelas.

Antes que Mariana respondesse, ouviu a voz dele ao fundo:

— Está na mochila menor, Sofia. Eu guardei no bolso da frente.

— Achei! — gritou a menina.

Mariana permaneceu com o telefone junto ao ouvido por alguns segundos.

— Está tudo bem aí? — perguntou.

— Está — Roberto respondeu.

Dessa vez, ela acreditou.

A adaptação não foi perfeita. Lúcia chorou na segunda troca de casa. Sofia perguntou durante semanas por que os pais não podiam morar juntos e dormir em quartos separados. Roberto se atrasou para uma reunião escolar. Mariana marcou uma consulta médica sem avisá-lo. Discutiram por mensagem sobre o Natal e precisaram voltar à terapeuta uma vez para organizar a conversa.

Mas não transformaram cada falha em prova de que o outro era incapaz de exercer a parentalidade. Aprenderam a corrigir acontecimentos sem reescrever toda a história.

Mariana mudou-se no início do ano seguinte para um apartamento menor, com duas janelas grandes e uma cozinha onde não cabia a mesa antiga. Levou os livros, a xícara amarela, metade das fotografias e o cartão-postal de Paraty.

Na primeira noite sozinha, depois que as meninas adormeceram em camas ainda cercadas por caixas, ela abriu um caderno novo.

Não escreveu que Roberto nunca a amara. Já não acreditava nisso.

Também não escreveu que o casamento terminara por falta de comunicação. A expressão lhe parecia limpa demais para aquilo que acontecera. Eles haviam se comunicado o tempo todo: em pratos deixados na pia, em viagens aceitas, em respostas curtas, em portas fechadas, em pedidos incompletos e em silêncios interpretados de acordo com o medo de cada um.

Escreveu apenas:

"Passei anos esperando que ele enxergasse o que eu não conseguia mostrar. Ele passou os mesmos anos acreditando na versão de mim que exigia menos dele. Quando finalmente falamos, não salvamos o casamento. Salvamos o que ainda podia existir depois dele."

Fechou o caderno e foi tomar banho.

Ao entrar no quarto, deixou a toalha sobre a cama. Só percebeu quase uma hora depois, quando voltou para buscar o celular.

O tecido havia formado uma mancha escura sobre a colcha clara.

Mariana ficou olhando para ela.

Não pensou em Roberto, nos quinze anos de casamento ou em todas as vezes em que estendera o que ele deixara para trás. Não havia ninguém a quem culpar, ninguém de quem esperar uma pergunta, ninguém sendo silenciosamente submetido a um teste que desconhecia.

Pegou a toalha e a estendeu na janela.

Pela primeira vez em quinze anos, era apenas uma toalha.